



**FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

LUIZ FERNANDO CAPUTO SILVA

A INFLUÊNCIA DO GÊNERO NAS ESCOLHAS DE PRÁTICAS ESPORTIVAS

LAVRAS/MG

2023

LUIZ FERNANDO CAPUTO SILVA

A INFLUÊNCIA DO GÊNERO NAS ESCOLHAS DE PRÁTICAS ESPORTIVAS

Prof. Dr. Marcelo de Castro Teixeira

Orientador

Prof. Me. Helton Pereira de Carvalho

Co-orientador

LAVRAS/MG

2023

LUIZ FERNANDO CAPUTO SILVA

**A INFLUÊNCIA DO GÊNERO NAS ESCOLHAS DE PRÁTICAS ESPORTIVAS
THE INFLUENCE OF GENDER ON SPORTS PRACTICE CHOICES"**

APROVADA EM: 05 de dezembro de 2023.

Prof. Dr. Marcelo de Castro Teixeira UFLA

Prof. Me. Helton Pereira de Carvalho

Prof. Dr. Marcelo de Castro Teixeira

Orientador

Prof. Me. Helton Pereira de Carvalho

Co-orientador

LAVRAS/MG

2023

RESUMO

Estudos recentes vêm demonstrando que nas aulas de Educação Física ocorrem preferências de meninos e meninas por práticas esportivas diferentes, seja por conta das questões biológicas, como exposição hormonal durante a gestação, crescimento e desenvolvimento do cérebro e suas necessidades, seja por conta da sua motivação, ou ainda por questões físicas e/ou sociais, podendo destacar entre essas os heteróticos hegemônicos de gênero. Perante isto, o presente estudo buscou identificar as diferenças entre as relações de gênero e a escolha preferida pelos adolescentes nas práticas escolares. Analisou-se em 5 revistas quais foram as publicações disponíveis nos últimos 5 (cinco) anos, utilizando os descritores, disponíveis no site *UNESCO Thesaurus*, co. Foram encontrados 6 (seis) artigos que apresentavam a temática do gênero nas aulas de Educação Física. Para criar um ambiente educacional coeducativo e igualitário, é crucial desenvolver a consciência dos estereótipos de gênero, fomentar atividades que não sejam tendenciosas em relação ao gênero e assegurar igualdade de oportunidades. Conclui-se que, a Educação Física desempenha um papel de extrema importância na formação da identidade de gênero dos alunos, moldando a maneira como meninos e meninas interagem e se relacionam no ambiente escolar..

Palavras-chaves: Estereótipos de gênero. Educação Física Escolar. Masculinidade. Feminilidade. Esporte.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. REFERENCIAL TEÓRICO	7
2.1 O Esporte e os Estereótipos de Gênero	7
2.2 O Esporte e os Estereótipos das Crianças	10
3. MÉTODO	12
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	13
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	27

1. INTRODUÇÃO

A discussão existente atualmente sobre a construção dos gêneros aborda que esta constituição perpassa aspectos sociais, históricos, políticos e culturais, e a análise de seus comportamentos, que advém dos modos de compreender entre o que se considera ser feminino e masculino na sociedade (Moreira; Prado; Cavaleiro, 2019). É divergente das explicações naturalistas e biológicas, que acreditam que esta diferenciação se dá pelo sexo biológico, das diferenciações entre ser menino *versus* ser feminina, levando em consideração a hipótese etiológica-cultural, e perpassa as influências advindas da construção da identidade de gênero, esta vinculando-se as questões socio-culturais (Luz Júnior; 2003).

Segundo Pascoto (2006), discorre que na psicologia, as diferenças sexuais e de gênero, tendem a demonstrar que a educação familiar e a escolar, são as constituintes principais para reforçar certos padrões de conduta ao longo do desenvolvimento das crianças e adolescentes.

Sendo assim, o que esses sujeitos vão vincular e demonstrar diariamente, estará vinculado à sua constituição enquanto indivíduo que sofre influência do meio, sendo este meio tanto o escolar quanto a sua relação familiar (Louro, 2003). Portanto, no dia a dia da escola, no cenário das aulas de Educação Física, alguns estereótipos de gênero tendem a permanecer e a se expressar nas suas relações com os outros, nas atividades escolares, e nas vivências esportivas a serem realizadas neste local. Como problemática a partir desta contextualização, pontua-se sobre qual a percepção de gênero presentes nas publicações atuais da Educação Física?

Deste modo, o presente trabalho busca apontar os possíveis estereótipos de gênero visualizados no decorrer das aulas de Educação Física no Ensino Fundamental. Por meio de uma pesquisa de revisão bibliográfica, com aporte descritivo e exploratório, e misto.

Fundamenta-se tal análise, pois o esporte tradicionalmente é definido como um domínio social, que se baseia no desempenho e nos resultados esperados, porém a nível escolar, os estereótipos de gênero

transpassam suas práticas, o que corrobora com o que foi expresso por Melo *et al.*, (2015, p. 31),

O esporte é considerado tradicionalmente um domínio social pautado na performance e no resultado e fundamentado nos tradicionais estereótipos de gênero. Dentro dos desportos existe também o julgamento cultural do que seja um esporte masculino ou feminino, assim como se faz com as pessoas.

Portanto, é indispensável ao professor de Educação Física compreender como esses estereótipos são demarcados em seu espaço escolar, e como este pode trabalhar para desmistificar e abordar tal conteúdo em suas aulas, a fim de não perpetuar tais discursos, evitar discriminações e dar o direito aos alunos de expressar sua identidade.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O Esporte e os Estereótipos de Gênero

É bem complexo definir o esporte. O fato de ele ter um leque muito grande de formas como se insere na sociedade, faz com que os contextos nos quais ele se encontra, devam ser analisados para melhor compreendê-lo e não reduzi-lo a uma única forma de manifestação (Marques, *et al.*, 2007 *apud* Stigger, 2002). É possível afirmar que o esporte tem manifestações voltadas apenas focando a prática, sendo que coexistem neles valores morais, significado da prática e contexto cultural. Marques *et al.*, (2007, p. 226), discorre ainda que no esporte, “Suas atividades são direcionadas pelos indivíduos participantes, que dão diferentes sentidos às ações de acordo com seu papel social, intenções, expectativas e conhecimentos”.

O esporte também tem sua manifestação voltada a modalidades esportivas, tendo dentro delas suas regras, histórias e formas de disputas. Então, quando se refere ao esporte e sociedade: “O esporte é um fenômeno sócio-cultural que transmite valores de acordo com o sentido dado à prática, exercendo influência sobre hábitos e comportamentos em nossa sociedade” (Marques, *et al.*, 2007, p. 233).

Ao pensar num ambiente esportivo observam-se valores, culturas e estereótipos relacionados a cada tipo de modalidade. Já, quando se pensa

nesse mesmo ambiente e nos estereótipos de gênero, acontece de se confundir gênero e orientação sexual (que neste caso envolve emoções, desejos, afetos e atrações sexuais). Um critério que é frequentemente usado na sociedade para classificar e padronizar muitos comportamentos são o sexo biológico, os comportamentos e os valores diferentes para machos (homens/masculinos) e fêmeas (mulheres/femininos):

Ao compartilhar certos significados, as culturas de todas as sociedades com suas linguagens e materializações inculcam desde muito cedo a diferenciação sexual entre os sujeitos, mediante mandatos e acordos tácitos, relegando os traços e atitudes da masculinidade aos machos humanos e a feminilidade às fêmeas humanas (Da Silva Ferreira, 2021, p. 348)

Este tipo de ação acaba estereotipando indivíduos que cruzam esses comportamentos, homens que fazem atividades socialmente consideradas femininas e mulheres que fazem atividades ditas como masculinas, como diz De Carvalho *et al.* (2017). No Brasil ocorre uma percepção errada das atletas femininas que jogam futebol/futsal, por exemplo, como também em esportes de lutas, que refere às mulheres como mulheres lésbicas e de identidade de gênero masculina, por conta das normas padrões dominantes.

Negreiros; Féres-Carneiro (2004, p. 34), discorre que, “Os papéis masculino e feminino configurariam tipificações do que seria pertinente ao homem e a mulher num dado contexto”.

Pode-se considerar, então, que: “O estereótipo é uma associação de ideias que serve para observar o mundo. Sendo assim, cada pessoa tem sua percepção, seu modo de pensar e o resultado desta percepção e de pensamento serão utilizados para futuros julgamentos e decisões.” (Melo *et al.*, 2015, p. 31).

Logo, estes estereótipos nos levam à existência de preconceito na sociedade, por vários motivos “o preconceito é encontrado na sociedade sob diversas formas, entre elas o preconceito racial, o preconceito contra a mulher, o preconceito com a orientação sexual, com o nível socioeconômico e outras formas.” (Melo *et al.*, 2015, p. 31). As discriminações mais evidentes, estão relacionadas às características corporais das pessoas, como o sexo biológico,

a cor de pele e/ou grupos étnicos, xenofobia ou outras questões relacionadas à sexualidade, a orientação sexual e o nível socioeconômico.

Luz Júnior (2001, p. 47) discorre que:

... existem vários comentários a respeito dos estereótipos masculino e feminino expressos na história da Educação Física, desde a influência higienista, relacionados à definição dos papéis sociais destinados aos homens e às mulheres, aos aspectos da legislação que, segundo o autor, foi pródiga em contribuir para o reforço dos estereótipos.

Neste trabalho estereótipo de interesse, está relacionado ao sexo/gênero, basicamente consiste nos traços de personalidade do indivíduo vinculados as características socio-culturais impostas ao seu gênero, pela sociedade. De acordo com Melo *et al.*, (2015, p. 31): “Na base de todos os preconceitos estão as crenças sobre características pessoais que atribuímos a indivíduos ou grupos, chamadas estereótipos”. Culturalmente, estudos brasileiros identificaram a força, agressividade, negligência e autoconfiança como comportamentos masculinos, já a emoção, sensibilidade e companheirismo como comportamentos femininos (Melo *et al.*, 2015).

Quando se percebe esses comportamentos masculinos em fêmeas/mulheres ou comportamentos femininos em machos/homens, de forma equivocada, eles e elas geralmente acabam sendo produtos de julgamentos estereotipados, da mesma forma que confundem gênero e orientação sexual, sendo estes definidos de acordo com Carvalho *et al.* (2017, p. 85), como:

[...] Primeiro o sexo biológico que reflete quanto ao órgão sexual no nascimento (macho, fêmea ou intersexual). Segundo a orientação de gênero trata-se da forma como o indivíduo apresenta determinados comportamentos, papéis de gênero que ele expõe, juntamente com a identidade gênero que ele tem, em que estes não são moldados unicamente pelos contatos sociais, mas pela formação do feto e todo seu desenvolvimento para uma orientação de gênero (masculina, andrógina ou feminina). Por último, a orientação sexual que se refere aos sentimentos, emoções e desejos sexuais (homossexual, bissexual ou heterossexual) [...].

De acordo com Luz Júnior (2003), ao se pautar as diferenças no campo biológico, ocorre uma desordem em relação à terminologia diferenças de gênero, normalizando a incompatibilidade do masculino e do feminino nos esportes e na Educação Física, fortalecendo portanto, os conteúdos de ensino

generificados, como a dança, no futebol, nas lutas, e demais práticas que por anos foram desenvolvidas por um determinado gênero predominantemente.

Nos esportes também existem julgamentos culturais sobre o que constitui um esporte masculino ou feminino, assim como com as pessoas (Melo *et al.*, 2015). Então se define esportes para os homens aqueles que apresentam características masculinas como o futebol, halterofilismo, arremesso de peso entre alguns outros. Já os esportes para mulheres, seriam aqueles com características femininas como a ginástica, patinação, nado sincronizado e aquelas modalidades neutras, como corrida, voleibol e outras:

[...] Estes esportes que tem uma ênfase em estereótipos masculinos ou femininos, quando praticados por indivíduos do sexo oposto, desencadeiam desconforto e estereótipos, ou seja, um determinado esporte socialmente percebido como masculino que requer força, agressividade e racionalidade quando praticados por mulheres que tenham estes traços, fazem com que as pessoas as julguem como “mulheres-macho” [...] (Melo *et al.*, 2015, p. 31).

Então, com isso, consegue-se perceber a existência do preconceito estereótipo em relação ao gênero e ao esporte, quando homens praticam esportes com características femininas e as mulheres, aqueles caracterizados como esportes masculinos.

2. 2 O Esporte e os Estereótipos nas Crianças

Após um breve entendimento relacionado a estereótipo, gênero, sexualidade, esporte e suas ligações, deve-se abordar tais pontos na infância. Algumas pessoas, em algum momento, devem se questionar em relação aos papéis que são impostos a cada gênero, tendo como um exemplo bem clichê como as mulheres devem cuidar da casa e da família e os homens trabalhar para prover o sustento da mesma.

Lerner (1986, p. 37) discorre que, segundo os tradicionalistas, “a dominação masculina é universal e natural”, proposta de acordo com o viés religioso, que discorre que, “a mulher é submissa ao homem por que assim foi criada por Deus”.

Quanto às crianças suas maiores referências são os pais, e logo, pode-se dizer que muitas das coisas que se aprendem, como comportamentos,

palavras, gestos, estão observando aqueles que são modelos. Reis (2008) diz que os adultos já têm para si seus papéis sociais (homem\mulher) definidos, e enquanto crianças, aprende-se muitos destes papéis através de agentes socializadores, como a escola e a família. Estes são agentes que propagam seus valores já influenciados pelo estereótipo.

[...] desde a infância as crianças são educadas para desempenhar papéis em conformidade com gênero ao qual pertencem, identificando e reproduzindo as diferenças sociais entre o feminino e o masculino. A família, como a primeira agência educadora do indivíduo, influencia a construção do gênero quando oferece modelos no que diz respeito ao papel sexual que deverá representar/desempenhar socialmente, estabelecendo um paradigma do que é ser homem ou mulher a partir do reflexo das expectativas construídas socialmente. (Reis, K. C. F., 2008, p. 32 a 33,).

Pensemos agora na criança e no brincar. Quando estas estão brincando não deveriam pensar se é uma brincadeira de “menino ou de menina”. Quando esse pensamento surge sobre a brincadeira, pode-se dizer que essa criança já tem pensamentos estereotipados, como podemos avaliar a partir dos resultados encontrados no estudo de Reis:

Os resultados demonstraram que, para todos os contextos, gêneros e idades, a “luta” (62% à 100%) e o “futebol” (58% à 100%) foram considerados exclusivamente “jogos característicos do gênero masculino”, na opinião das meninas; já “pular-corda ou elástico” (38% à 95%) e “amarelinha” (25% a 95%) foram consideradas brincadeiras prioritariamente sendo do gênero feminino e apenas um deles, “pega-pega” (100%) considerado apropriado para ambos os gêneros. Na opinião dos meninos “luta” (58% à 89%) e “futebol” (72% a 95%) foram consideradas brincadeiras do gênero masculino. Já “amarelinha” (10% à 90%) e “pular corda ou elástico” (10% à 98%) brincadeiras femininas e somente “pega-pega” (60% à 99%) foi considerada brincadeira adequada para ambos os gêneros na opinião dos meninos. Ficando evidente a presença de estereótipos sexuais quanto a escolha das brincadeiras tidas como “adequadas” a cada gênero (Reis, K. C. F., 2008, p. 50,).

Em relação ao esporte, se pensa da mesma forma que a brincadeira, em que as crianças deveriam praticá-los sem o pensamento de um esporte ser de mulher ou de homem; porém, nem sempre é o que acontece:

No entanto, para as mães M2, M5, M6, M7, M15, M18, M19, M23, M25, há a compreensão de que existem atividades que são proibidas para meninos e meninas. Nestas atividades,

haveria aquelas que seriam próprias para meninos ou meninas porque exigiria características de um determinado gênero, como, por exemplo, ter mais força para exercer alguma atividade de grande esforço, tipo “esporte violento”. Nestes casos, essas atividades seriam restritas aos meninos, porque as meninas seriam “delicadas” para exercê-las. Também nestas atividades, haveria brincadeiras específicas ao gênero, como “jogar bola/ futebol” e “brincar de carrinho” sendo de meninos e “brincar de bonecas”, sendo específico de meninas (Reis, K. C. F., 2008, p. 81).

Deve-se ter em mente, também, que esse pensamento não foi criado do nada pela criança, ele surgiu observando seus pais, através dos agentes socializadores, os quais já foram citados anteriormente como a família, a escola e outros canais de comunicação.

Butler (2010) acredita que o gênero é produzido através de normas socioculturais impostas, não sendo uma expressão do que é ser homem e/ou mulher, mas sim uma *performance* cultural que possibilita a manutenção de normas, que instituem uma posição binária a partir da lógica sexo/gênero.

3. MÉTODO

O presente trabalho busca apontar os possíveis estereótipos de gênero visualizados no decorrer das aulas de Educação Física no Ensino Fundamental, por meio de uma pesquisa de revisão bibliográfica, com aporte descritivo e exploratório, quanti-quali, onde foi analisadas as principais pesquisas brasileiras, durante os anos de 2019 a 2023, que abrangem a temática.

Segundo Martins (2022), as pesquisas bibliográficas são compostas de dados secundários, que buscam informações que responderam de forma efetiva à problemática da pesquisa, com o objetivo de comparar as ideias mais atuais de diversos autores, na busca de englobar e dar luz às contribuições mais relevantes sobre a temática, no caso desta pesquisa, do gênero no esporte.

Portanto, inicialmente foi utilizada a *Plataforma Sucupira*, que permite consultar a classificação de revistas, a partir de sua classificação *Qualis*, que mede o fator de impacto e que avalia os periódicos científicos de cada área. Utilizou-se para a busca das revistas analisadas aquelas com *Qualis* A1 a B4, da área de Educação Física.

Posteriormente, analisou-se nessas revistas quais foram as publicações disponíveis nos últimos 5 (cinco) anos, utilizando os descritores, disponíveis no site *UNESCO Thesaurus*, como aporte, sendo eles: “gênero e educação física”; “discriminação de gênero na educação física” “desigualdades de gênero na educação física”; “desigualdades de gênero no esporte”; e “estereótipos de gênero no esporte”.

No segundo momento, ocorreu uma leitura flutuante, a partir da visualização das palavras-chaves presentes no artigo, no título e/ou no resumo dos textos encontrados, para vinculá-los aos critérios de inclusão desta pesquisa. Após esta análise, foram selecionados os artigos que mais abordam a temática, para uma leitura flutuante.

Como critérios de inclusão e exclusão da pesquisa, foram incluídos os estudos que englobam as datas pré-estabelecidas, os artigos que se encontram publicados em revistas de *Qualis* acima de B4, e que se encaixam nas no título e disposto em seus resumos sobre a temática abordada nesta pesquisa. Como critério de exclusão, não foram vinculados os artigos que não se encaixavam nos critérios de inclusão acima descritos.

A análise se deu por meio de estatística descritiva, com a identificação e classificação dos trabalhos que se encaixavam no propósito desta pesquisa. Utilizou-se a leitura flutuante dos seus resumos, e em um segundo momento a leitura completa destes. Os dados encontrados foram dispostos posteriormente, no quesito resultados e discussões.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Foram encontradas na pesquisa inicial, realizada na Plataforma Sucupira, as principais revistas dispostas a seguir na figura 1, da área de Educação Física.

Figura 1: Principais Revistas de Educação Física e sua classificação:

Revista Movimento	B4
Revista Brasileira de Ciências do Esporte (CBCE),	B2
Revista Motrivivência	B2

Revista Motriz	B2
Revista Pensar a Prática	B3
Journal of Physical Education	B3
Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (BEFE)	B2
Revista Brasileira de Ciências do Movimento (RBCE).	B2

Fonte: Do Autor (2023).

Destacou-se que, para busca dos artigos analisados posteriormente, e dispostos na tabela 1, utilizou-se 8 (oito) das principais revistas da área de Educação Física, adentrou-se cada um dos domínios encontrados na internet, para, a partir destes sites realizar a busca dos artigos existentes e disponibilizados. A tabela abaixo apresenta o total de artigos encontrados em cada uma das revistas analisadas.

Figura 2: Quantidade de artigos encontrados em cada Revista:

Revista Movimento	25
Revista Brasileira de Ciências do Esporte (CBCE)	00
Revista Motrivivência	08
Revista Motriz	07
Revista Pensar a Prática	10
Journal of Physical Education	02
Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (BEFE)	05
Revista Brasileira de Ciências e Movimento (RBCE)	01

Fonte: Do Autor (2023).

Constatou-se um total de 58 (cinquenta e oito) trabalhos, em oito plataformas de revistas da área de Educação Física; porém na busca na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (CBCE) não encontrou-se nenhum artigo da temática abordada.

Dos estudos encontrados, que abordam os estereótipos de gênero, encontrou-se 1 (um) trabalho na Revista Pensar a Prática, 3 (três) na Revista

Movimento, e 2 (dois) na Revista Motriz. Destes, verificou-se 6 (seis) artigos que apresentam a temática do gênero nas aulas de Educação Física, como se pode visualizar na figura 3, abaixo.

Figura 3: Artigos que abordaram os estereótipos de gênero na Educação Física:

Revista:	Título do artigo:	Objetivo:
Pensar a Prática:	DIAS; FRIZZO. QUESTÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: uma análise nas zonas distritais de Rio Grande-RS (2021).	Analisar como as questões de gênero são tratadas nas aulas de Educação Física (EF) da rede municipal de ensino da cidade de Rio Grande RS, além de identificar o posicionamento dos professores e professoras sobre a temática gênero ser trabalhada nas aulas de EF.
Revista Movimento:	MATEO-ORCAJADA <i>et al.</i> , INFLUÊNCIA DO GÊNERO, NÍVEL EDUCACIONAL E PRÁTICA DESPORTIVA DOS PAIS NOS HÁBITOS ESPORTIVOS DAS CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR (2021).	Analisar a influência dos estereótipos de gênero, o nível educacional e o nível de prática desportiva dos pais sobre a prática desportiva dos seus filhos.
	QUINTANA; OTEGI. IGUALDADE DE GÊNERO E ANÁLISE DA COMUNICAÇÃO MOTORA NAS TAREFAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA (2019).	Analisa as tarefas motoras propostas no âmbito da Educação Física, tanto pelo professor quanto no jogo livre, a partir de uma perspectiva de gênero.
	ALEMANY <i>et al.</i> , ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO E PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA	Os objetivos desta investigação estão centrados na análise dos estereótipos de gênero para a atividade física e os motivos da sua prática/não prática, em 2015, em

		estudantes de ensino não universitário.
REVISTA MOTRIZ:	ROSSI. JÚNIOR. DISCUTINDO O LUGAR DA MULHER NO ESPORTE COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I (2021)	Buscou-se verificar qual a visão dos alunos quanto a prática esportiva, conhecimento dos atletas e as questões de gênero, a partir da apresentação do vídeo “Invisible Players”.
	MARINHO; DOS SANTOS. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: CONTEXTUALIZANDO GÊNERO NO ENSINO REMOTO (2021)	Refletir e discutir as identificações de gênero no conteúdo esporte nas aulas de Educação Física.

Fonte: Do Autor (2023).

Constatou-se que na maioria dos artigos encontrados os descritores “Questões de Gênero” em dois dos artigos analisados, como também “Estereótipos de Gênero” e “Igualdade de gênero”, como principais expressões sobre o debate neste contexto. Percebe-se que a temática do gênero vem sendo debatida e levanta questões no decorrer da disciplina de Educação Física, onde o espaço escolar se define como um local que segrega e diferencia os estudantes, a partir dos estereótipos e das opressões vivenciadas no dia a dia.

De acordo com Dias e Frizzo (2019, p. 10),

Estereotipar, tipificar, padronizar... Todas essas palavras são sinônimas de categorizar, algo rotineiro nos dias atuais. Constantemente vemos ações que nos reportam a como devemos ser, nos comportar e até mesmo vestir, visto que todas essas ações conduzem a uma vida padronizada harmonicamente com o que foi e é imposto pela sociedade.

Abordar a importância das questões de gênero no contexto social, e destacar a relevância de abordar esse tema na Educação Física dentro das escolas, é papel do docente de Educação Física. A Educação Física, por lidar diretamente com o corpo, torna as questões de gênero mais explícitas. Professores desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da conscientização dos alunos em relação a questões de gênero, e sua formação acadêmica, ideais e concepções de vida influenciam sua abordagem durante as aulas.

Castellani Filho *et al.*, (2014), cita que os professores e professoras, têm a responsabilidade pela centralidade do conhecimento que recai sobre os indivíduos, cabendo a autonomia a determinação dos elementos da cultura corporal a serem abordados, bem como a escolha dos conteúdos e temáticas relevantes para serem apresentados aos alunos. Este princípio é reforçado ao afirmar que "todo educador deve ter um projeto político-pedagógico definido", destacando a importância de os educadores conhecerem os objetivos de sociedade e indivíduo que almejam, os interesses de classe que defendem, e como suas aulas se articulam com o projeto de indivíduo e sociedade.

Menciona-se ainda nestes estudos: Dias, Frizzo (2021); Marinho, Dos Santos (2021); Mateo-Orcajada *et al.*, (2021); Souza, Junior (2019); Alemanany *et al.*, (2019); Quintana, Otehi (2010); Carvalho *et al.*, (2017); Melo *et al.*, (2015); Negreiros; Féres-Carneiro (2004) e Luz Júnior (2001), a necessidade de os professores instrumentalizarem os alunos para lidar com problemas relacionados às questões de gênero. Além disso, os professores entrevistados no estudo de Dias e Frizzo (2021), apresentam opiniões divergentes sobre a discussão dessas questões nas aulas de Educação Física, havendo grupos pró-discussão e contra discussão, especificamente nos estudos de Dias e Frizzo (2021), que discorre que no grupo pró-discussão, estão as professoras que consideram importante abordar o tema, acreditando na necessidade de trabalhar juntos para promover a igualdade de gênero. Elas discutem assuntos como feminismo e machismo durante as aulas, destacando o progresso e a conscientização alcançados, embora enfrentam desafios, como algumas meninas que usam a fragilidade como desculpa para evitar certas atividades.

Por outro lado, no grupo contra a discussão, do mesmo estudo, Dias e Frizzo (2021) discorrem que há dois professores que preferem evitar o tema de gênero nas aulas, alegando que os alunos podem resolver essas questões por conta própria ou considerando o assunto uma moda passageira que não merece atenção na escola. Um desses professores acredita que a família deve orientar sobre questões de gênero, temendo que os professores possam abordar o tema de maneira equivocada. Esses professores parecem buscar silenciar a discussão de gênero no ambiente escolar.

Dias; Frizzo (2021, p. 10) afirmam, “É importante percebermos que a autonomia dos professores e professoras é de grande valia quando direcionada para o crescimento dos alunos e alunas, almejando êxito na formação humana do indivíduo.” Os autores ainda persistem,

No entanto, muitas vezes, esse “poder” somente auxilia no fortalecimento de uma sociedade machista e retrógrada, que não pondera sobre determinadas condutas e que naturaliza ações opressoras, nos fazendo estacionar no sistema atual.

Em uma pesquisa semelhante, Brancaloni e Oliveira (2016) também concluíram que há uma tendência de silenciamento das questões de gênero na instituição escolar por parte de alguns professores. Acredita-se na pertinência da discussão sobre a temática de gênero no ambiente escolar indicando o alinhamento de pensamento com a busca pela transformação do contexto social.

Essas informações nos levam de volta ao papel central que atribuímos aos professores. Como aponta Castellani Filho *et al.* (2014), todo educador deve estabelecer seu próprio projeto político-pedagógico, entendendo qual sociedade e indivíduo desejam, que interesses de classe defendem e como alinham suas aulas a esses projetos de sociedade e indivíduo.

No desdobramento da pesquisa, ao se tentar compreender até que ponto a influência da sociedade estereotipada afeta o ambiente escolar e em que medida a escola internaliza as normas impostas, percebe-se que em estudos que indagam aos professores e professoras se verificava alguma divisão entre meninos e meninas durante a prática esportiva, e recorrentemente havia esta diferenciação ora de práticas, ora de gênero. Todos os alunos e professores, concordaram que, de fato, existe uma separação entre os gêneros, e, embora tenham apresentado diversas justificativas para esse fenômeno, todas parecem derivar de uma mesma raiz.

Luz Júnior (2003) afirma que,

[..] no espaço físico escolar, exclusão nos esportes, e cruzamento de fronteiras de gênero e da sexualidade na escola, evidencia que separar meninos e meninas nas aulas é, antes de tudo, a) estabelecer uma divisão polarizada entre os gêneros; b) exagerar uma generificação das diferenças entre

os indivíduos; c) tomar mais rígidas, do que são, as fronteiras das divisões de gênero. (p. 62).

Seja por razões relacionadas à técnica, preferências de jogo, tendências a esportes distintos entre os gêneros ou mesmo a união das meninas devido à falta de oportunidade de participar ativamente ou por questões de proteção, todas essas explicações do estudo de Dias; Frizzo (2021), apontam para a afirmação de uma Professora, que salientou que essa divisão reflete a submissão da mulher à sociedade e a ideia de que certos espaços não lhe pertencem.

Cisne (2018), pontua que é preciso compreender criticamente a cultura e a educação, como também as simbologias e as representações, pois permeiam nossas relações, e reproduzem ideologias patriarcais, o que atua nas desigualdades e nas diferenciações existentes dentro e fora do ambiente escolar.

No caso das mulheres, especialmente as meninas, é raro que recebam instruções para jogar futebol ou outros esportes, muitas vezes sendo a escola o primeiro lugar onde elas têm contato com uma bola. Devido a essa falta de experiência, surge o questionamento sobre como podem desenvolver uma técnica adequada quando mal têm familiaridade com a ferramenta do jogo, a bola. Além disso, é difícil apreciar um esporte no qual, na maioria das vezes, elas não têm vivência, pois não são incentivadas a participar ativamente.

Discriminação é a palavra que parece ecoar na mente das atletas, pontuado nos estudos de Cisne (2018), emergindo de suas palavras quando solicitadas a compartilhar suas experiências no futebol. Discriminação que enfrentaram na infância enquanto jogavam bola nas ruas; discriminação na família, entre amigos, na comunidade e na escola (Knijnik, 2006).

No âmbito da pesquisa, Dias e Frizzo (2021) ainda apontam a investigação sobre as opressões existentes na sociedade que se manifestam nas aulas de Educação Física das escolas pesquisadas. Concentrando nossa atenção nas opressões de gênero, observaram que uma professora descreveu essas opressões como não tão explícitas, mas presentes de forma velada. Em outras escolas investigadas, outra professora argumentou que as opressões de gênero estão relacionadas à influência do contexto social, indicando que essas

ideias são transmitidas pela família. Além disso, outra professora observou que as crianças, em particular, podem expressar estereótipos de gênero, como a ideia de que as meninas são fracas.

Moreira; Prado; Cavaleiro (2019 p. 532), demonstram,

As narrativas que visam desqualificar as jogadoras são constituídas por discursos que naturalizam os gêneros e produzem a ideia de "incapacidade feminina" para a realização de determinadas atividades, justificando que tal afirmação se deve a uma disposição biológica.

As aulas de Educação Física refletem o sistema patriarcal estabelecido, em que os homens são vistos como mais "fortes" e ocupam posições de destaque, enquanto as mulheres são consideradas mais "fracas" e têm papéis secundários na sociedade. Essas crenças são naturalizadas e raramente questionadas pelos participantes das aulas. Romero (1994) destaca que na sociedade patriarcal que vivemos, "criam e mantêm as desigualdades [...], quase sempre com prejuízos para a mulher, que acaba desempenhando um papel de menor prestígio e valor" (p. 226).

No entanto, alguns professores acreditam que não há opressões em suas aulas de Educação Física, argumentando que nunca testemunharam tais situações. Entre os alunos participantes da pesquisa Diaz e Frizzo (2021) apontam que cerca de 43% reconhecem a existência de preconceito ou constrangimento nas aulas de Educação Física, enquanto 52% não percebem essas ocorrências. Muitos alunos e alunas destacam que o futebol é um esporte que frequentemente causa opressão e exclusão nas aulas de Educação Física, os meninos não permitem que as meninas participem.

Os estereótipos de gênero também estão presentes, com expressões como "mulher frágil", "atividades de meninos" e "atividades de meninas" permeando o espaço escolar. Alguns alunos relataram desconforto devido ao padrão ideal de corpo e certas atividades nas aulas de Educação Física.

Pereira; Moura e De Lima Oliveira (2023),

[...] meninos continuam sendo retratados em atividades de movimentos em espaços mais amplos, atividades de agilidade e desafiadoras para o corpo das crianças pequenas, enquanto as meninas, em sua maioria, continuam sendo retratadas como dóceis, em atividades concentradas, calmas e tranquilas.

A escola, em vez de combater essas opressões, muitas vezes as perpetua por meio de sua inação. No entanto, alguns professores estão dispostos a abordar essas questões por meio do diálogo, buscando conscientizar os alunos. Outros, no entanto, podem não reconhecer essas situações como opressivas.

Bortolini (2023, p. 53), aponta que,

Falar sobre gênero na escola não tem nada a ver com doutrinação ideológica. Ao contrário, é um convite à reflexão, ao pensamento crítico, que nos faz questionar, a partir de fundamentos científicos, aquilo que parece óbvio e construir uma perspectiva autônoma para além das “ideologias” que nos foram ensinadas desde a infância.

Nesse contexto, é fundamental questionar e combater essa cultura conservadora, baseada no patriarcado, no capitalismo e permeada por ações racistas. Deve-se entender as múltiplas formas de opressão e dar voz às minorias, desafiando o sistema político-econômico e resistindo à naturalização das opressões. Isso nos levará a uma sociedade mais igualitária, justa e livre, que busca uma contraposição da instituição escolar à lógica opressora (Bortolini, 2023).

Carvalho (2016) demonstra em seu artigo que, é necessário o uso de materiais que combatam os estereótipos de gênero, pois “o uso desses materiais em sala de aula pode funcionar como ferramenta pedagógica para superar a invisibilidade, combater estereótipos e minimizar a violência” (p. 1).

Outro fator encontrado, foi a demonstração de como os estereótipos de gênero das mães têm impacto nos níveis de prática esportiva dos adolescentes, mas não afetam seus próprios estereótipos de gênero. Além disso, o nível educacional das mães influencia a prática de atividades físicas de seus filhos, independentemente de seu sexo. Por outro lado, os pais têm maior influência do que as mães na prática esportiva dos adolescentes do sexo masculino, embora as mães pareçam ter uma influência maior na frequência da prática esportiva das meninas (Mateo-Orcajada *et al.*, 2021).

No estudo de Quintana e Otegi (2019), os autores discorreram que quando os professores exercem um maior controle sobre as atividades, eles tendem a promover projetos mais mistos, nos quais meninos e meninas

aprendem a compartilhar. Por outro lado, quando os professores permitem que os alunos tenham iniciativa para liderar seus próprios jogos, os meninos e meninas se separam em tarefas individuais e diferenciadas, reproduzindo estereótipos de gênero dominantes e segregando-se. Assim, a Educação Física, consciente ou inconscientemente, parece promover um mundo social em que as diferenças de gênero estão embaçadas e, ao mesmo tempo, perpetua uma sociedade em que a cidadania se divide com base na segregação sexual.

Para promover uma Educação mais igualitária, seria aconselhável que a Educação Física refletisse sobre a liberdade de escolha das tarefas dos alunos, que muitas vezes reproduzem sistemas de gênero preexistentes, e buscasse promover atividades sem viés de gênero. Tornam-se necessárias atividades diferentes, nas quais as meninas se sintam motivadas, em espaços não estigmatizados como masculinos ou femininos, centradas na cooperação e lideradas tanto por meninas quanto por meninos, com estratégias para evitar a participação passiva. Fazer isso pode contribuir para construir uma sociedade em que meninas e meninos convivam com os mesmos direitos e deveres, sem estarem subordinados a relações de poder entre uns e outros.

Giovani e Tamayo (2000), afirmam que, ao examinar a utilização de estereótipos em atletas na literatura, tanto em contextos nacionais quanto internacionais, é possível identificar um considerável volume de estudos voltados, sobretudo, para as mulheres atletas e o preconceito que elas enfrentaram e continuam a enfrentar no cenário do esporte de alto rendimento entre 2000 a 2023.

Com base nos artigos analisados, pode-se compreender que fica claro que a Educação Física desempenha um papel fundamental na construção da identidade de gênero dos alunos, influenciando a forma como meninos e meninas interagem e se relacionam na escola. A conscientização sobre estereótipos de gênero, a promoção de atividades sem viés de gênero e a igualdade de oportunidades são essenciais para criar um ambiente escolar coeducativo e equitativo. A reflexão sobre o impacto da Educação Física na perpetuação de normas de gênero é crucial para promover uma sociedade em

que todos tenham os mesmos direitos e deveres, independentemente de seu gênero, evitando a reprodução de relações de poder desiguais.

Marques *et al.* (2007) afirma que, a reprodução das características do esporte de alto rendimento no lazer, e em ambientes educacionais, favorece os participantes com maior habilidade de adaptação ao jogo, incentivando a manifestação de situações que envolvem comparação de desempenho e segregação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O presente estudo, revelou uma complexa interação entre a Educação Física, a temática de gênero e os estereótipos de gênero no contexto escolar, a partir da comparação entre os estudos analisados. É evidente que a forma como a Educação Física é conduzida pode ter um impacto significativo na maneira como os alunos percebem e internalizam os papéis de gênero, afetando a construção de suas identidades de gênero.

Em primeiro lugar, a Educação Física desempenha um papel ambivalente na promoção da igualdade de gênero. Quando os professores têm controle sobre as atividades, eles têm a oportunidade de criar projetos mistos que incentivam meninos e meninas a compartilhar experiências e desafios. Isso pode ser uma abordagem valiosa para desafiar os estereótipos de gênero e promover a coeducação.

No entanto, quando os professores dão aos alunos a liberdade de liderar seus próprios jogos, muitas vezes ocorre uma segregação de gênero, com meninos e meninas se envolvendo em atividades separadas. Isso reflete a maneira como a sociedade em geral perpetua estereótipos de gênero e como a Educação Física pode inadvertidamente contribuir para essa segregação.

Além disso, é notável que as mães parecem ter uma influência maior do que os pais na prática esportiva de seus filhos, independentemente de seu sexo. Isso sugere que as figuras maternas desempenham um papel crucial na promoção da igualdade de gênero na Educação Física. No entanto, as meninas parecem ser mais influenciadas pelos estereótipos de gênero de seus pais do

que os meninos, destacando a complexidade das interações entre estereótipos de gênero e prática esportiva.

Uma conclusão fundamental é que a Educação Física precisa refletir sobre a liberdade de escolha das atividades dos alunos e buscar promover atividades sem preconceito de gênero. A introdução de atividades diversas e inclusivas, que incentivem a cooperação e sejam lideradas tanto por meninas quanto por meninos, pode ser um passo importante na direção de uma Educação Física verdadeiramente coeducativa. Além disso, é crucial que os professores estejam cientes do impacto de suas práticas na construção da identidade de gênero dos alunos e estejam dispostos a desafiar os estereótipos de gênero para criar um ambiente escolar mais igualitário.

Em última análise, a Educação Física desempenha um papel importante na formação das atitudes dos alunos em relação ao gênero e à igualdade. A conscientização sobre estereótipos de gênero, a promoção de atividades inclusivas e a influência das figuras parentais são aspectos cruciais a serem considerados para criar um ambiente escolar que desafie as normas de gênero e promova a igualdade de oportunidades para todos os alunos, independentemente de seu sexo.

REFERÊNCIAS

ALEMANY ARREBOLA, I.; AGUILAR GARCÍA, N.; GRANDA ORTELLS, L.; GRANDA VERA, J. ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO E PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA. **Movimento**, [S. l.], v. 25, p. e25082, 2019. DOI: 10.22456/1982-8918.93460. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/93460>. Acesso em: 1 nov. 2023.

BORTOLINI, Alexandre. **É pra falar de Gênero Sim: Fundamentos legais e científicos da abordagem de questões de gênero na educação**. [s.n.] Brasília, 2023.

BRANCALEONI, A. P. L.; OLIVEIRA, R. R. de. Silêncio! Não desperte os inocentes: sexualidade, gênero e educação sexual a partir da concepção de educadores. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 10, n. esp. 2, p. 1445-1462, 2016.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: **Civilização Brasileira**, 2010.

CARVALHO, Rayla do Nascimento. Literatura LGBT para crianças: analisando a sua inclusão no currículo como uma ferramenta pedagógica. **XII Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidades**. Campina Grande: 2016.

CASTELLANI FILHO, L. *et al.*, Metodologia do ensino de Educação Física, **Cortez Editora**, 2014.

CISNE, M. Feminismo e marxismo: apontamentos teóricos-políticos para o enfrentamento das desigualdades sociais. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, s. v., n. 132, p. 211-230, 2018.

CUNHA JUNIOR, Carlos F. F. da. (1997). Atividade física, brincadeiras e sexismo: as experiências de um grupo de idosos/as. Dissertação de Mestrado. PPGEF, **UERJ**, Rio de Janeiro.

DA SILVA FERREIRA, Sérgio Rodrigo. A midiaticização do habitus e a dimensão da diferença: processos comunicacionais da transgeneridade em rede. CSOnline-**REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**, n. 33, p. 337-357, 2021.

DE CARVALHO, H. P.; DE-OLIVEIRA, F. R. ; SAMPAIO, T. M. V. ; FERRARI, E. P. ; CARDOSO, F. L. . Conflitos entre a orientação sexual e a orientação de gênero na identidade de atletas profissionais de voleibol: A percepção de atletas homossexuais. **REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIA E MOVIMENTO**, v. 25, p. 84-98, 2017.

DIAS, Thaís M.; FRIZZO Giovanni. QUESTÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: uma análise nas zonas distritais de Rio Grande- RS. **Revista Pensar a Prática**. 2021. v. 24: e66619.

GIAVONI, A. & Tamayo, A. (2000). Inventário dos Esquemas de Gênero do Autoconceito (IEGA). *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(2), 175-184.

JÚNIOR CFFC, MELO VA. Homossexualidade, educação física e esporte: Primeiras aproximações. **Movimento**. 1996; 3(5): 18-24

KNIJNIK, Jorge Dorfmann. Femininos e masculinos no futebol brasileiro. 2006. 474 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - **Instituto de Psicologia**, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

KOIVULA N. Perceived characteristics of sports categorized as gender-neutral, feminine and masculine. **J Sport Behav** 2001;24(4):377-393.

LERNER, Gerda, 1920-2013. A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens / Gerda Lerner; tradução Luiza Sellera. – São Paulo: **Cultrix**, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista. Guacira Lopes Louro- Petrópolis, RJ, **Vozes**, 2003.

LUZ JÚNIOR, A. Educação Física e Gênero: olhares em cena. São Luís: **Imprensa UFMA/CORSUP**, 2003.

MARINHO, Julienne de Lucena Souto. SANTOS, Antônio de Pádua do. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: CONTEXTUALIZANDO GÊNERO NO ENSINO REMOTO. XII Congresso Nacional de Educação Física. I Congresso Intedisciplinar da Pós-Graduação.2021. **Motriz: Revista de Educação Física**. Disponível em: 4068170.pdf (cev.org.br). Acesso em: 1 nov. 2023.

MARTINS, Ronei X. Metodologia de pesquisa científica: reflexões e experiências investigativas na educação. Lavras: **Ed. UFLA**, 2022.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; DE ALMEIDA, Marco Antonio Bettine; GUTIERREZ, Gustavo Luis. Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. **Movimento**, v. 13, n. 3, p. 225-242, 2007.

MATEO-ORCAJADA, A.; VAQUERO-CRISTÓBAL, R.; ABENZA-CANO, L.; MARTÍNEZ-CASTRO, S. M.; GALLARDO-GUERRERO, A. M.; LEIVA-ARCAS, A.; SÁNCHEZ-PATO, A. INFLUÊNCIA DO GÊNERO, NÍVEL EDUCACIONAL E PRÁTICA DESPORTIVA DOS PAIS NOS HÁBITOS ESPORTIVOS DAS CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR. **Movimento**, [S. l.], v. 27, p. e 27057, 2021. DOI: 10.22456/1982-8918.109610. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/109610>. Acesso em: 1 nov. 2023.

MELO, GF; SILVA, AA; DURÃES,G; CARDOSO, FL; FORMIGA, NS; SOUSA, IRC; SAMPAIO, TMV. Estereótipos de gênero aplicados a homens atletas praticantes de esportes culturalmente femininos: a percepção de leigos, profissionais da Educação Física e atletas profissionais . **R. bras. Ci. e Mov** 2015;23(3):30-37.

MOREIRA, Maria de Fátima S.; PRADO, Vagner M. CAVALEIRO, Maria Cristina. Quando o futebol é de mulheres: suspeitas, regulações e transgressões no campo dos gêneros e sexualidades. **Ensino em Revista**. Uberlândia, MG | v.26 | n.2 | p.524-546 | maio/ago./2019 | ISSN: 1983-1730.

DIAS, Mortola T.; ERNST FRIZZO, G. F. QUESTÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: uma análise nas zonas distritais de Rio Grande-RS. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 24, 2021. DOI: 10.5216/rpp.v24.66619. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/66619>. Acesso em: 1 nov. 2023.

NEGREIROS, Teresa Creusa Góes Monteiro; CARNEIRO, Terezinha Féres. Masculino e feminino na família contemporânea. **Estud. psicol. psicol.** v.2004 n.1 Rio de Janeiro jun. 2004

PASCOTO R. (2006). Primeiras manifestações de identidade de gênero: um estudo com crianças de 16 a 18 meses. **Dissertação de Mestrado**, Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

PEREIRA, Fábio Hoffmann; DE MOURA, Neide Cardoso; DE LIMA OLIVEIRA, Francielly. Relações de gênero em livros didáticos indicados ao PNLD 2022 Educação Infantil. **Visualidades**, v. 21, 2023.

ROSSI, Mariana Vitorino; JUNIOR, Milton V. do Prado. DISCUTINDO O LUGAR DA MULHER NO ESPORTE COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I. XII Congresso Nacional de Educação Física. I Congresso Internacional da Pós-Graduação. **Motriz: Revista de Educação Física**. Rio Claro, v. 27, Suplementar, dezembro de 2021.

ROMERO Elaine. A EDUCAÇÃO FÍSICA A SERVIÇO DA IDEOLOGIA SEXISTA. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte** , v. 15, n. 3, p. 226-234, jun. 1994.

QUINTANA Javier Gil.; OTEGI Joseba Etxebeste,. IGUALDADE DE GÊNERO E ANÁLISE DA COMUNICAÇÃO MOTORA NAS TAREFAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Movimento**, [S. l.], v. 25, p. e25020, 2019. DOI: 10.22456/1982-8918.85297. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/85297>. Acesso em: 1 nov. 2023.

REIS, Kellen Cristina Florentino. Infância, gênero e estereótipos sexuais: análise do relato de mães de crianças de 4 a 6 anos. 2008. 110 f. **Dissertação** (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/97486>>.

ROSSI, Mariana V.; JUNIOR, Milton V. do Prado. DISCUTINDO O LUGAR DA MULHER NO ESPORTE COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I. XII Congresso Nacional de Educação Física, I Congresso Interdisciplinar da Pós-Graduação, CONEF. **Motriz: Revista de Educação Física e Journal of Physical Education**. Rio Claro, v. 27, Suplementar, dezembro de 2021.

SILVA, A. A. ; DE CARVALHO, H. P. ; SILVA, G. S. ; ALVES, L. ; CERQUEIRA, J. O. ; CARDOSO, F. L. ; MELO, G. F. . Sexual Orientation, Gender Identity and Self-Concept Gender Schemas of Women Practitioners of Culturally Masculine Sports. **REVISTA BRASILEIRA DE PSICOLOGIA DO ESPORTE**, v. 10, p. 238-255, 2020.